

EM BUSCA DO HINO PERDIDO: HISTÓRIA, SIMBOLOGIA E MEMÓRIA MUSICAL DO BANGU ATLÉTICO CLUBE**IN SEARCH OF THE LOST ANTHEM: HISTORY, SYMBOLISM, AND MUSICAL MEMORY OF BANGU ATLÉTICO CLUBE****EN BUSCA DEL HIMNO PERDIDO: HISTORIA, SIMBOLOGÍA Y MEMORIA MUSICAL DEL BANGU ATLÉTICO CLUBE**

10.56238/revgeov17n2-118

Bruno Castro

Doutor em Educação Física

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

E-mail: profbrunocastro@gmail.com

Giovanni Rafael Romano Valladão

Doutor em Educação

Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: rafaelromano1987@hotmail.com

RESUMO

Este artigo analisa as manifestações musicais associadas ao Bangu Atlético Clube como artefatos culturais fundamentais na construção de sua identidade histórica e simbólica. Inserido no contexto do futebol carioca e da cultura suburbana do Rio de Janeiro, o estudo investiga hinos oficiais e populares, canções comemorativas e gritos de guerra da torcida, compreendendo-os como expressões de memória social, pertencimento territorial e coesão simbólica. O objetivo central consiste em examinar o hinário do clube à luz da classificação proposta por Souza (2009), articulando melodia e letra como dimensões analíticas, bem como discutir a função dessas composições na preservação do patrimônio imaterial da agremiação. Metodologicamente, a pesquisa combina análise documental, revisão bibliográfica e fontes orais, incluindo entrevistas e registros fonográficos raros, com destaque para o disco comemorativo da conquista do Campeonato Carioca de 1966. Os resultados indicam que as produções musicais do Bangu apresentam, predominantemente, melodias populares e letras histórico-narrativas, reafirmando valores como resistência, orgulho comunitário e tradição operária. Conclui-se que essas manifestações extrapolam o campo esportivo, configurando-se como dispositivos de memória e identidade coletiva, ao mesmo tempo em que se aponta a necessidade de novas investigações voltadas à recuperação de registros sonoros perdidos da história do clube.

Palavras-chave: Futebol. Bangu Atlético Clube. História. Hinos.

ABSTRACT

This article analyzes the musical manifestations associated with Bangu Atlético Clube as cultural artifacts fundamental to the construction of its historical and symbolic identity. Situated within the context of Rio de Janeiro football and suburban culture, the study examines official and popular anthems, commemorative songs, and supporters' chants, understanding them as expressions of social



memory, territorial belonging, and symbolic cohesion. The main objective is to analyze the club's hymnary based on the classification proposed by Souza (2009), articulating melody and lyrics as analytical dimensions, as well as to discuss the role of these compositions in preserving the club's intangible heritage. Methodologically, the research combines documentary analysis, bibliographic review, and oral sources, including interviews and rare phonographic records, with particular emphasis on the commemorative record of the 1966 Rio de Janeiro State Championship title. The results indicate that Bangu's musical productions predominantly feature popular melodies and historical-narrative lyrics, reaffirming values such as resistance, community pride, and working-class tradition. It is concluded that these musical expressions go beyond the sporting field, functioning as devices of memory and collective identity, while also highlighting the need for further research aimed at recovering lost sound records from the club's history.

Keywords: Football. Bangu Atlético Clube. History. Anthems.

RESUMEN

Este artículo analiza las manifestaciones musicales asociadas al Bangu Atlético Clube como artefactos culturales fundamentales en la construcción de su identidad histórica y simbólica. Inserto en el contexto del fútbol carioca y de la cultura suburbana de Río de Janeiro, el estudio examina himnos oficiales y populares, canciones conmemorativas y cánticos de la afición, comprendiéndolos como expresiones de memoria social, pertenencia territorial y cohesión simbólica. El objetivo principal consiste en analizar el himnario del club a partir de la clasificación propuesta por Souza (2009), articulando melodía y letra como dimensiones analíticas, así como discutir la función de estas composiciones en la preservación del patrimonio inmaterial de la institución. Metodológicamente, la investigación combina análisis documental, revisión bibliográfica y fuentes orales, incluyendo entrevistas y registros fonográficos raros, con énfasis en el disco conmemorativo del título del Campeonato Carioca de 1966. Los resultados indican que las producciones musicales del Bangu presentan predominantemente melodías populares y letras histórico-narrativas, reafirmando valores como la resistencia, el orgullo comunitario y la tradición obrera. Se concluye que estas manifestaciones trascienden el ámbito deportivo, configurándose como dispositivos de memoria e identidad colectiva, al tiempo que se señala la necesidad de nuevas investigaciones orientadas a la recuperación de registros sonoros perdidos de la historia del club.

Palabras clave: Fútbol. Bangu Atlético Clube. Historia. Himnos.



1 INTRODUÇÃO

O futebol, desde sua consolidação no Brasil nas primeiras décadas do século XX, ultrapassou rapidamente a condição de simples prática esportiva para se afirmar como um fenômeno social, cultural e simbólico de grande complexidade. Mais do que um jogo, o futebol tornou-se um espaço privilegiado de produção de identidades coletivas, de disputas simbólicas e de elaboração de memórias compartilhadas. Como assinalam Pereira (2000) e Helal, Lovisolo e Soares (2001), a expansão do futebol acompanhou processos mais amplos de urbanização, modernização e reorganização das relações sociais, especialmente nas grandes cidades brasileiras, onde clubes passaram a representar territórios, classes sociais, grupos étnicos e modos de vida específicos.

Nesse contexto, os clubes de futebol não podem ser compreendidos apenas como instituições esportivas, mas como verdadeiros polos de sociabilidade e de produção cultural. Seus símbolos — cores, escudos, mascotes, estádios, narrativas heroicas e repertórios musicais — operam como dispositivos de coesão social e de afirmação identitária. Conforme destaca Toledo (2002), o pertencimento clubístico envolve práticas rituais e afetivas que articulam memória, território e emoção, transformando o clube em uma extensão simbólica da vida cotidiana de seus torcedores. Tais símbolos não apenas representam o clube, mas produzem sentidos sobre quem são seus sujeitos, quais valores compartilham e como se posicionam no espaço urbano e social.

Entre esses elementos simbólicos, a música ocupa um lugar central. Hinos oficiais, hinos populares, canções comemorativas e gritos de guerra constituem formas privilegiadas de expressão coletiva, capazes de condensar história, emoção e identidade em estruturas melódicas e narrativas acessíveis. Estudos como os de Souza (2009) e Tubino, Souza e Valladão (2009) demonstram que os hinos dos clubes cariocas não são meros adornos cerimoniais, mas artefatos culturais que dialogam com contextos históricos específicos, com projetos simbólicos de afirmação institucional e com transformações nas formas de consumo cultural, especialmente a partir da popularização do rádio e da indústria fonográfica.

No caso dos clubes suburbanos do Rio de Janeiro, como o Bangu Atlético Clube, essas manifestações musicais adquirem relevância ainda maior. Originado no seio da classe operária e profundamente vinculado à história do bairro e da Fábrica Bangu, o clube construiu sua identidade em diálogo constante com valores como trabalho, resistência, pertencimento local e inclusão social. Como observa Molinari (2004), o Bangu não apenas participou do processo de popularização do futebol, mas foi protagonista de rupturas simbólicas importantes, como a inclusão precoce de jogadores negros e a afirmação de uma cultura esportiva profundamente enraizada no cotidiano suburbano. Nesse cenário, os hinos e demais expressões sonoras associadas ao clube funcionam como narrativas privilegiadas dessa trajetória singular.

Apesar da importância simbólica do Bangu Atlético Clube na história do futebol brasileiro, sua



produção musical e seu repertório sonoro ainda permanecem relativamente pouco explorados pela historiografia esportiva. A atenção costuma se concentrar em grandes clubes e em hinos amplamente difundidos, o que acaba por obscurecer experiências culturais riquíssimas construídas por agremiações de origem operária e popular. A investigação de hinos, canções e gritos de guerra do Bangu permite, portanto, ampliar o entendimento sobre as múltiplas formas de vivenciar o futebol e de produzir memória e identidade fora dos centros hegemônicos do esporte carioca.

Neste contexto, o presente estudo foi desenvolvido segundo os parâmetros de uma pesquisa qualitativa (Lüdke; André, 1986; Deslandes, 2008), orientada por procedimentos de natureza histórico-documental e interpretativa. A investigação articulou análise de fontes impressas, registros sonoros, entrevistas e materiais de circulação pública, buscando compreender as manifestações musicais do Bangu Atlético Clube em sua dimensão simbólica, social e temporal. No que se refere especificamente à organização e à tipologia das composições examinadas — tanto em relação às letras quanto às estruturas melódicas — adotou-se como referência a metodologia de classificação proposta por Souza (2009), o que permitiu situar o *corpus* analisado em diálogo com tradições mais amplas do futebol brasileiro, preservando, contudo, as especificidades históricas do contexto banguense.

Diante desse panorama, a pesquisa teve como objetivo analisar o hinário e as manifestações musicais associadas ao Bangu Atlético Clube, compreendendo-as como artefatos culturais fundamentais na construção de sua identidade histórica e simbólica. Buscou-se, especificamente, investigar o hino popular consagrado do clube, discutir a hipótese de existência de um possível hino “perdido” entoado em contexto solene nas décadas iniciais do século XX, bem como analisar canções comemorativas e gritos de guerra da torcida enquanto expressões do patrimônio imaterial banguense. Ao fazê-lo, o artigo pretende contribuir para os estudos sobre futebol e cultura, evidenciando o papel da música como veículo de memória social, pertencimento comunitário e resistência simbólica no universo do futebol suburbano carioca.

2 HISTÓRICO DO CLUBE

O bairro de Bangu, situado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, possui uma origem que remonta ao século XVII, quando a região ainda era predominantemente rural. A área começou a ser delimitada a partir da Fazenda Bangu, criada no ano de 1673, cujo nome tem origem possivelmente ligado a vocábulos indígenas ou africanos que designavam a topografia local e a paisagem natural que circundava suas terras. Essa fase inicial é caracterizada pela exploração agrícola e agroindustrial, com destaque para a produção de açúcar, álcool e derivados, o que conferiu à região um papel relevante na economia colonial e no processo de ocupação territorial da Baixada de Campo Grande (Melo, 2025a; Melo, 2025b).



A virada decisiva na história do bairro ocorreu no final do século XIX, com a instalação da Fábrica de Tecidos Bangu, em 1889, que transformou radicalmente a organização socioeconômica local. Planejada como uma grande unidade produtiva têxtil, a fábrica atraiu trabalhadores de diferentes regiões e deu origem a um núcleo urbano articulado em torno de sua dinâmica produtiva. A Companhia Progresso Industrial do Brasil projetou um conjunto de habitações operárias e infraestrutura urbana para atender às necessidades de sua força de trabalho, fazendo da fábrica não apenas um centro de produção industrial, mas também o coração social e cultural do bairro (Melo, 2025c; Melo, 2025d). Essa relação entre indústria e urbanização é um elemento estruturante do processo de formação de Bangu, cuja vida cotidiana passou a girar em torno das rotinas fabris, dos deslocamentos ferroviários e das relações comunitárias entre trabalhadores e suas famílias.

Ao longo do século XX, o bairro consolidou-se como uma das mais importantes áreas suburbanas do Rio de Janeiro, mantendo fortes laços com sua história operária e cultural. Bangu transformou-se em um espaço de intensa circulação social, marcado pela presença de associações, festas populares, tradições comunitárias e, em especial, pelo futebol, que se tornou um dos principais vínculos identitários de sua população. A influência social da fábrica, embora tenha decrescido ao longo das décadas com o processo de reestruturação industrial e o encerramento da produção têxtil em meados dos anos 2000, deixou marcas profundas na trama urbana e na construção das memórias coletivas de seus moradores.

A origem do nome Bangu, um dos bairros mais tradicionais do Rio de Janeiro, tem sido objeto de diferentes teses e interpretações ao longo do tempo. Entre as diversas explicações possíveis, uma das mais aceitas e historicamente plausíveis remonta à língua tupi-guarani, falada pelos povos indígenas que habitavam a região antes da colonização portuguesa. Segundo essa teoria, a palavra “Bangu” teria se originado de “Útang-u”, termo tupi que pode ser traduzido como “anteparo escuro”, “barreira negra”, “cheio de sombras” ou “sombreado”. Essa descrição faz referência direta a Serra de Bangu – uma formação rochosa e arborizada que se erguia imponente atrás da sede da antiga Fazenda Bangu. A serra funcionava como um imenso paredão natural, cuja vegetação densa criava áreas de sombra e dava à paisagem um aspecto sombrio e marcante. (Melo, 2025a, p. 12)

Essa continuidade histórica do bairro é fundamental para compreender o lugar singular ocupado pelo Bangu Atlético Clube no imaginário local e na cultura esportiva carioca, como será explorado na sequência deste estudo (Melo, 2025a; Melo, 2025b; Melo, 2025c; Melo, 2025d).

O Bangu Atlético Clube, fundado em 17 de abril de 1904, é uma das instituições mais tradicionais do futebol brasileiro e possui uma trajetória que se confunde com a própria história do bairro operário que lhe deu origem. Criado por funcionários da Fábrica Bangu — uma das mais importantes indústrias têxteis do Rio de Janeiro —, o clube surgiu em meio à efervescência do processo de modernização urbana e à expansão do esporte bretão entre os trabalhadores. Como observa Molinari (2004), a gênese do Bangu representa a inserção simbólica das classes populares no universo esportivo até então dominado pela elite carioca, constituindo um marco da democratização do futebol no país.



Desde suas origens, o clube apresentou uma característica singular: a estreita relação entre o esporte, o trabalho e a vida comunitária. O campo da fábrica, onde se disputavam as primeiras partidas, servia também como espaço de sociabilidade, celebração e identidade local. Molinari (2004) destaca que o Bangu não foi apenas um clube de futebol, mas um fenômeno social que consolidou a noção de pertencimento em torno do bairro e de sua população. Esse vínculo entre o clube e a fábrica explica por que o Bangu foi o primeiro time do Rio de Janeiro a incluir operários e negros em suas fileiras, em um momento em que a maioria das agremiações ainda restringia o acesso de jogadores das camadas populares (Pereira, 2000).

Ao longo das décadas, o Bangu Atlético Clube consolidou-se como um dos protagonistas do futebol carioca, com destaque para o título de campeão estadual de 1966 e a memorável campanha do vice-campeonato brasileiro de 1985. Para Helal, Lovisolo e Soares (2001), a trajetória do Bangu ilustra o processo de popularização e massificação do futebol, revelando como clubes de origem suburbana se tornaram polos de resistência cultural diante do domínio simbólico das grandes agremiações da Zona Sul.

Além das conquistas esportivas, o Bangu também desempenhou papel importante na formação de atletas e na manutenção da identidade comunitária. O Estádio de Moça Bonita, inaugurado em 1947, consolidou-se como um espaço de convivência e de expressão da cultura local, funcionando como palco de jogos, festas e eventos cívicos. Toledo (2002) observa que, em contextos suburbanos, o clube de futebol assume papel de “instituição de sociabilidade total”, pois congrega valores, memórias e práticas cotidianas que ultrapassam a dimensão esportiva.

O Bangu Atlético Clube, portanto, não pode ser compreendido apenas por suas vitórias em campo, mas pela sua relevância na constituição de uma identidade coletiva forjada pela memória e pelo pertencimento. Sua história sintetiza o percurso de um bairro que cresceu ao redor da fábrica, encontrou no futebol um espelho de sua luta social e transformou o clube em símbolo de orgulho operário e popular. Assim como o Bonsucesso e outras agremiações suburbanas, o Bangu representa a face mais autêntica do futebol carioca: a que nasce do trabalho, da comunidade e da resistência cultural.

Além dos marcos históricos amplamente reconhecidos, a trajetória do Bangu é pontuada por práticas culturais e simbólicas que reforçam seu profundo enraizamento comunitário. Em entrevista concedida a esta pesquisa, o historiador e jornalista Carlos Molinari e o torcedor e cenógrafo Clécio Régis¹ relataram a existência de uma charanga local, popularmente conhecida como "bandinha do Tutu", que atuou com maior vigor na década de 1980. Composta por doze a quinze músicos, tendo como liderança Nilton Emídio da Cunha (o Tutu), com instrumentos de sopro e percussão, a bandinha

¹ Clécio Régis, responsável pela empresa Clécio Régis Cenografia, Pintura de Arte, foi um dos idealizadores e executores Do Monumento em Homenagem a Thomas Donohoe, instalado em frente à loja Kalunga na entrada principal do Bangu Shopping. A obra, realizada em parceria com o Museu de Bangu, homenageia Thomas Donohoe como introdutor do futebol no Brasil, reforçando o vínculo histórico do Bangu Atlético Clube com as origens do futebol nacional.



partia do Estádio de Moça Bonita e percorria as ruas em direção ao Maracanã nos dias de jogos, formando um animado "trenzinho" de torcedores. Contudo, como anedota que se incorporou ao folclore do clube, Molinari relata que a bandinha era considerada "azarada", pois, invariavelmente, sua chegada ao estádio coincidia com a equipe levando um gol. Na década de 1990, as atividades do grupo foram encerradas, sendo brevemente retomadas nos anos 2000 por iniciativa de Clecio Regis, agora com uma formação de oito músicos. A tradição, no entanto, mantinha sua peculiaridade: "Sempre que o Bangu tomava um gol a bandinha tocava o hino", recorda Molinari. Clecio Regis afirma que a bandinha encerrou suas atividades definitivamente em 2012, tornando-se mais uma memória afetiva da torcida.

Outro elemento sensorial que marcava a identidade banguense, segundo Molinari, era o foguetório. Em sua infância, o som dos fogos de artifício explodindo no bairro era um sinal infalível de que haveria jogo do Bangu, criando uma atmosfera de expectativa e celebração que antecedia o evento esportivo.

No âmbito de suas contribuições para a história social do futebol, Molinari reafirma o papel pioneiro do Bangu na inclusão de jogadores negros. Ele destaca que o dia 14 de maio de 1905, data da primeira partida amistosa do Bangu contra o Fluminense, registrou a participação de Francisco Carregal, considerado o primeiro atleta negro a atuar em uma partida de futebol no Brasil. O historiador defende que o Bangu foi, de fato, o primeiro clube a incluir negros em seu elenco, antecedendo em dezoito anos o emblemático caso do Vasco da Gama em 1923, frequentemente creditado pelo senso comum. Molinari destaca que parcela significativa dos jogadores negros que compuseram o elenco vascaíno nas décadas de 1920 e 1930 teve passagem formativa pelo Bangu Atlético Clube, evidenciando o papel da agremiação suburbana como um verdadeiro celeiro de talentos e como espaço pioneiro de enfrentamento às barreiras raciais impostas ao futebol da época. Entre esses nomes, sobressaem-se Fausto dos Santos, o "Maravilha Negra", meio-campista revelado pelo Bangu e posteriormente transferido para o Vasco, onde se tornaria um dos símbolos da afirmação do jogador negro no futebol brasileiro; Domingos da Guia, considerado um dos maiores zagueiros da história do esporte nacional, que após consolidar-se no Bangu foi incorporado ao elenco vascaíno e chegou à seleção brasileira, disputando a Copa do Mundo de 1938; e Jaguaré Bezerra de Vasconcelos, goleiro que também teve passagem pelo clube de Moça Bonita antes de integrar o Vasco. Esses trajetos individuais reforçam a centralidade do Bangu como espaço de formação esportiva e social, contribuindo de maneira decisiva para a ruptura com o elitismo racial que caracterizava o futebol carioca nas primeiras décadas do século XX. Essas informações são do livro de Molinari (2025) "O Livro dos Craques" que é atualizado anualmente pelo autor.

Outro pioneirismo atribuído ao clube, conforme o relato, diz respeito à inserção de patrocínio nas camisas. Em uma época em que tal prática era proibida, o Bangu teria burlado a regra graças à



identidade entre o nome do clube e o da Fábrica Bangu. A logomarca da fábrica, patrocinadora do clube, foi inserida no uniforme em formato de losango, passando despercebida pelas entidades dirigentes. Esse arranjo perdurou até 1956, constituindo um caso precursor do que viria a ser, décadas depois, uma prática generalizada no futebol profissional mundial. Esses episódios, embora menos difundidos, ilustram a capacidade de inovação e a postura transgressora do Bangu, sempre ligada à sua origem operária e à sua função social no bairro.

3 SIMBOLOGIA DO CLUBE

A simbologia do Bangu Atlético Clube expressa a continuidade de uma tradição forjada na relação entre futebol, trabalho e identidade popular. Assim como no caso de outras agremiações suburbanas do Rio de Janeiro, os símbolos do Bangu — escudo, cores, uniforme, mascote, gritos de guerra e flâmulas — atuam como dispositivos de memória coletiva, representando o orgulho da comunidade operária e a resistência cultural do bairro.

O escudo do Bangu (Figura 1) é um dos mais antigos e reconhecíveis do futebol carioca. Composto pelas iniciais “B.A.C.” sobre um fundo branco cortado por listras diagonais vermelhas, ele sintetiza visualmente a identidade rubro-branca do clube. A simplicidade de sua forma revela a força simbólica da origem fabril: o branco remete à pureza e à união, enquanto o vermelho evoca a energia do trabalho e a combatividade operária. Segundo Molinari (2004), essa combinação cromática, adotada desde os primeiros anos do clube, foi inspirada nas cores do tecido produzido pela Companhia Progresso Industrial, a fábrica têxtil que deu origem ao Bangu. Desse modo, o escudo traduz, de forma emblemática, a fusão entre o universo do trabalho e o imaginário esportivo.

Figura 1 - Escudo do Bangu



Fonte: <https://www.bangu-ac.com.br/>

O uniforme do Bangu (Figura 2) mantém, até hoje, as listras verticais vermelhas e brancas, configurando uma estética de continuidade e tradição. Esse padrão, presente desde as primeiras décadas do século XX, tornou-se um dos símbolos mais duradouros do futebol carioca. Como observa Pereira (2000), a repetição de signos visuais — como cores e formas — cumpre função ritualística na



afirmação da identidade clubística, permitindo que cada geração de torcedores reconheça em campo a materialização de sua própria história.

Figura 2 - Uniforme do Bangu



Fonte: https://www.instagram.com/p/DLKuTvhAgVT/?img_index=2&igsh=MTU3enJsYm83eG41ZA%3D%3D

O mascote do Bangu Atlético Clube é o castor (Figura 3), figura simbólica que se consolidou no imaginário do clube a partir da segunda metade do século XX. A adoção desse mascote está diretamente associada à atuação de Castor de Andrade, presidente de honra e principal financiador da agremiação a partir da década de 1960, período marcado por forte projeção esportiva e social do clube. Nesse sentido, o castor extrapola a função meramente lúdica do mascote, operando como um signo identitário que articula poder, pertencimento territorial e memória coletiva, tornando-se uma referência simbólica duradoura para a comunidade banguense.

Figura 3 – Castor, o mascote do clube



Fonte: https://www.facebook.com/photo/?fbid=979243085573806&set=pb.100077299443411.-2207520000&locale=pt_PT

A presença do mascote insere o Bangu em uma tradição recorrente do futebol brasileiro, na qual figuras animais ou personagens antropomórficos são mobilizados como dispositivos de

representação simbólica das agremiações, expressando valores como força, resistência, astúcia ou liderança. Os mascotes desempenham papel fundamental na construção do imaginário esportivo nacional, funcionando como mediadores entre clube, torcida e identidade cultural. No caso do Bangu, o castor assume um caráter singular, pois remete não apenas a atributos simbólicos abstratos, mas a um personagem histórico concreto, cuja trajetória se entrelaça com momentos decisivos da história do clube (Museu do Futebol, s.d.).

Antes da consolidação de mascotes de caráter mais simbólico ou antropomórfico, o Bangu Atlético Clube contou, no início da década de 1930, com uma mascote de natureza singular e concreta: o garoto Manô – Manoraldino José Soares (Figura 4).

Figura 4 – Garoto Manô, mascote do clube da época, e a Miss Brasil Yolanda Pereira dando início ao jogo Vasco x Bangu, no dia 21 de setembro de 1930, em São Januário



Fonte: (Molinari, 2004).

Segundo Molinari, entre aproximadamente 1930 e 1934, Manoraldino José Soares, levado ao campo por seu tio, o ex-jogador Zé Maria, passou a acompanhar o time na entrada em campo, tornando-se um símbolo de sorte do clube em seus anos áureos do período. Mais do que uma figura ocasional, Manô foi reconhecido como a mascote do título carioca de 1933, adquirindo forte valor simbólico para a memória banguense. Molinari (2004) destaca que sua presença era percebida como portadora de bons augúrios, sendo constantemente associada às grandes campanhas do clube no início dos anos 1930. A trajetória do garoto mascote, que permaneceu ligado ao Bangu mesmo após o encerramento de sua função ritual, evidencia uma forma precoce e afetiva de simbolização no futebol brasileiro, na qual a



mascote não se constituía como personagem fictício, mas como sujeito real integrado à vida cotidiana do clube e de sua comunidade (Molinari, 2004).

No âmbito desta investigação, foi realizada entrevista com Lucas Peçanha, identificado como liderança ativa da torcida organizada Gigante da Oeste do Bangu Atlético Clube, com o objetivo de compreender os processos contemporâneos de produção, circulação e ressignificação dos gritos de guerra entoados nas arquibancadas. A pesquisa contou com registros em áudio², posteriormente transcritos, possibilitando o acesso direto a manifestações orais que integram o repertório simbólico da torcida. Entre os cânticos registrados, destacam-se o hino do Bangu, iniciado pelos versos “*o Bangu tem também a sua história sua glória...*”, que mobiliza uma narrativa de memória e pertencimento; expressões de exaltação coletiva como “*Bangu ô, Bangu ô*” e “*Sou, sou alvirrubro*”, que reafirmam a identidade cromática e afetiva do clube; além de cantos que enfatizam valores associados à combatividade e ao caráter popular da agremiação, como “*Vamos jogar com raça e coração, é o time do povo, é o Banguzão*”. Também foram identificadas canções marcadas por forte performatividade rítmica e pela centralidade da percussão, a exemplo de “*Bangu veio pra vencer, poropopopopó*”, bem como cânticos que evidenciam disputas simbólicas no espaço das arquibancadas, como “*ninguém segura a gente, chama a bateria pra tocar*” e “*fica de boa que não é arrastão, é a Super Bangu e a nova geração*”. Em conjunto, esse repertório evidencia a função dos gritos de guerra como dispositivos de coesão simbólica e de atualização contínua da identidade torcedora.

Essas manifestações vocais não se limitam, contudo, ao incentivo esportivo imediato, mas reforçam de modo consistente o elo entre o clube e o bairro, ressoando nas arquibancadas do Estádio de Moça Bonita como expressões de pertencimento e orgulho local. Fórmulas como “*Bangu! Meu orgulho e minha paixão!*” e “*Bangu, minha vida, minha história!*” são entoadas como enunciados ritualizados que condensam a relação afetiva entre a agremiação e sua comunidade, reafirmando a continuidade de um sentimento coletivo ancorado no território. Conforme observa Toledo (2002), em clubes de forte base comunitária, os gritos de guerra funcionam como práticas de sociabilidade marcadas por um caráter ritualístico, por meio das quais o torcedor reforça sua identificação simultânea com a instituição esportiva e com o espaço urbano que ela simboliza.

As flâmulas e bandeiras do Bangu, preservadas por colecionadores e no acervo do clube, são outro importante componente de sua simbologia. Muitas delas trazem inscrições alusivas à fábrica e ao bairro, além de retratar ídolos históricos como Zizinho e Ladeira. Molinari (2004) destaca que a circulação dessas flâmulas entre operários, comerciantes e torcedores era prática comum nas décadas de 1940 e 1950, funcionando como expressão material da identidade banguense. Conforme apontam Helal, Lovisolo e Soares (2001), tais artefatos visuais constituem elementos do patrimônio simbólico

² Registro de áudio disponível em: <https://vimeo.com/1163378952?fl=tl&fe=ec>



do futebol, pois traduzem, em linguagem estética, valores de pertencimento, solidariedade e resistência.

Desse modo, a simbologia do Bangu Atlético Clube transcende a função meramente representativa. Ela atua como instrumento de coesão social e de preservação da memória, unindo passado e presente em torno de uma identidade que continua a pulsar nas ruas do bairro e nas arquibancadas do Estádio de Moça Bonita.

5 HINÁRIO E MUSICALIDADE DO BANGU

5.1 O HINO OFICIAL/POPULAR

A produção musical em torno do Bangu Atlético Clube constitui um rico campo de investigação para a compreensão da identidade social e esportiva do clube. Seguindo a classificação proposta por Souza (2009), que analisa hinos de agremiações cariocas a partir de duas dimensões — a melódica e a temática da letra —, é possível interpretar o hino popular do Bangu, composto por Lamartine Babo em 1949 (Museu do Futebol, s.d.), como uma expressão cultural que traduz a relação entre o clube, seu território e sua comunidade.

O hino de Lamartine Babo para o Bangu (Quadro 1) apresenta uma melodia popular, característica marcante das composições do autor, que se valia de ritmos leves e contagiantes, próximos às marchinhas carnavalescas, para facilitar a assimilação pelas torcidas e a difusão pelo rádio. Esse estilo musical, típico da cultura de massa carioca dos anos 1940, conferiu ao hino um caráter acessível e festivo, permitindo sua rápida incorporação ao repertório afetivo dos torcedores.

Quadro 1. Hino Popular do Bangu Atlético Clube

Hino Popular do Bangu Atlético Clube
<p><i>O Bangu tem também a sua história, a sua glória, Enchendo seus fãs de alegria! De lá, pra cá, Surgiu Domingos da Guia. Em Bangu se o clube vence há na certa um feriado, Comércio fechado. A torcida reunida até parece a do FlaFlu: Bangu, Bangu, Bangu! O Bangu tem também como divisa na camisa: O vermelho-sangue a brilhar. E faz cartaz, Estouram foguetes no ar! Em Bangu se o clube vence há na certa um feriado, Comércio fechado. A torcida reunida até parece a do FlaFlu: Bangu, Bangu, Bangu!</i></p>
Lamartine Babo - 1949

Fonte: <https://www.bangu-ac.com.br/bangu/hino/>



Já a letra do hino pode ser classificada como histórico-narrativa, uma vez que constrói uma narrativa que associa a trajetória do clube a figuras emblemáticas, eventos simbólicos e elementos identitários do bairro. A menção a Domingos da Guia — um dos maiores zagueiros da história do futebol brasileiro e ídolo rubro-branco que também disputou a Copa do Mundo de 1938 com a seleção brasileira (Molinari, 2025) — atua como um marco de legitimidade e tradição. Já a referência ao comércio fechado em dias de vitória sintetiza o impacto do clube na vida local, reforçando a ideia de que o Bangu transcende o esporte para se tornar um fenômeno comunitário. Além disso, a alusão à torcida reunida, que “até parece a do Fla-Flu”, projeta o Bangu em um patamar de grandeza e paixão comparável aos clubes mais populares do Rio, enquanto a descrição do vermelho-sangue como divisa na camisa ressalta a centralidade das cores na identidade visual do clube.

Dessa forma, o hino popular do Bangu funciona não apenas como um instrumento de incentivo, mas como um dispositivo de memória que articula passado, território e pertencimento. Ele atualiza, em linguagem musical e narrativa, a história de um clube que nasceu da fábrica, incluiu operários e negros, e se consolidou como símbolo de resistência e orgulho suburbano.

Assim, tal como ocorre com o Bonsucesso e outras agremiações de origem popular, o hino de Lamartine Babo complementa o imaginário sonoro do Bangu, inserindo-o no cenário cultural carioca por meio de uma melodia que convida à celebração e de uma letra que narra — e perpetua — sua história.

Este hino, apresentado pelo clube em seu canal oficial³, como “Hino Oficial” consagrou-se ao longo das décadas como a composição sonora mais reconhecível da identidade banguense. No entanto, do ponto de vista da classificação museológica e da historiografia do futebol, tal peça se enquadra mais precisamente na categoria de hino popular. Tanto a catalogação proposta pelo Museu do Futebol (SP) quanto a sistematização de Souza (2009) categorizam as obras de Lamartine Babo para os clubes cariocas como “hinos populares”, em contraposição aos “hinos oficiais” de caráter marcial e solene, típicos do período anterior.

Essa distinção não diminui a importância da composição, mas a situa em um contexto cultural específico: o dos anos 1940, quando o rádio e a cultura de massa popularizaram os clubes por meio de melodias acessíveis e letras narrativas. É plausível que a ausência de um hino oficial posterior de mesma força simbólica e penetração social tenha levado o Bangu a adotar a obra de Babo como sua representação sonora principal. Trata-se, portanto, de um processo orgânico de legitimação, no qual a vontade da torcida e a força da tradição superaram classificações formais, tornando o hino popular não apenas um símbolo, mas o símbolo musical do clube.

Dessa forma, a elevação do hino de Lamartine Babo ao status de “oficial” pelo clube reflete um fenômeno comum a várias agremiações: a sacralização popular de um artefato cultural que, embora

³ Disponível em: <https://www.bangu-ac.com.br/bangu/hino/>

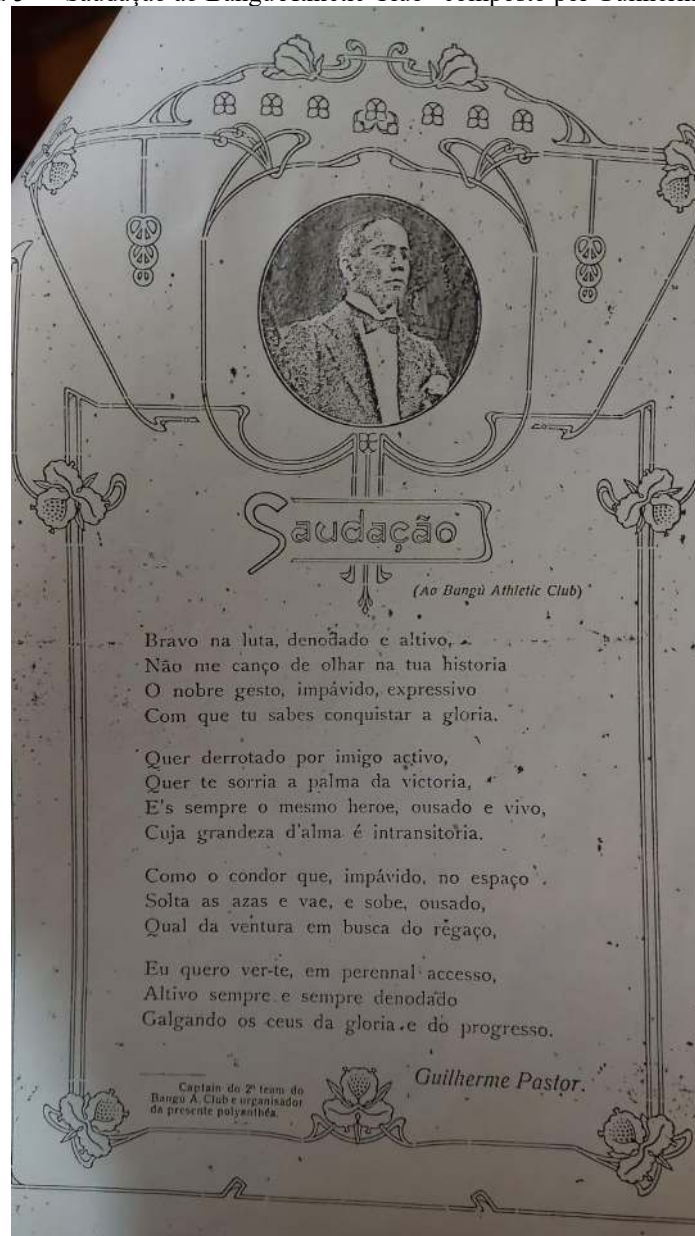


não se enquadre tecnicamente na categoria de hino oficial marcial, encapsula de maneira perfeita o espírito, a história e o orgulho da comunidade que representa.

5.2 UM POSSÍVEL HINO “PERDIDO”

O poema intitulado “Saudação ao Bangú Athletic Club” (Figura 5), de autoria de Guilherme Pastor, constitui um documento de grande relevância para a compreensão das primeiras manifestações simbólico-musicais associadas ao Bangu Atlético Clube.

Figura 5 – “Saudação ao Bangú Athletic Club” composto por Guilherme Pastor



Fonte: Cedido pelo pesquisador, historiador e jornalista Carlos Molinari.

Embora não haja registros que o identifiquem formalmente como “hino” nos moldes institucionais posteriores, sua estrutura poética, seu vocabulário épico e sua função celebratória permitem interpretá-lo como um possível hino primitivo ou hino perdido do clube, entoado em



contexto solene nas décadas iniciais do século XX. Segundo informações fornecidas por Carlos Molinari em entrevista concedida especificamente para esta pesquisa, essa composição possivelmente teria sido apresentada em um evento festivo na década de 1920, no qual também foi executado o primeiro hino oficial do Clube de Regatas do Flamengo (*Flamengo, Flamengo tua glória é lutar / Flamengo, Flamengo campeão de terra e mar...*), composto por Paulo de Magalhães em 1920 (Souza, 2009), indicando um ambiente cerimonial compartilhado por diferentes agremiações cariocas naquele período.

A análise do texto revela uma forte aproximação com o modelo de exaltação heroica característico dos hinos esportivos do início do século XX. Expressões como “bravo na luta”, “denodado e altivo”, “conquistar a glória” e “galgando os céus da glória e do progresso” constroem uma narrativa que associa o clube a valores de coragem, virilidade, honra e perseverança. Esse tipo de representação dialoga diretamente com o que Souza (2009) classifica como letras de caráter histórico-narrativo, uma vez que o texto constrói simbolicamente a trajetória da agremiação, exaltando sua postura diante das vitórias e derrotas e projetando um ideal moral de continuidade e ascensão. Ao mesmo tempo, a presença constante de metáforas bélicas e heroicas permite uma articulação com o imaginário marcial que permeava o discurso esportivo da Primeira República, apesar de não termos conhecimento de sua melodia.

Do ponto de vista da dimensão simbólica, o poema recorre a imagens naturais de grande força expressiva, como a metáfora do “condor” que “solta as asas e vai, e sobe, ousado”, associando o clube a uma ideia de elevação, liberdade e grandeza. Essa estratégia discursiva é recorrente nos hinos analisados por Tubino, Souza e Valladão (2009), especialmente naqueles produzidos entre o final da Primeira República e o início do Estado Novo, período em que o futebol passou a ser compreendido como espaço privilegiado de formação de valores bélicos, cívicos e morais. Segundo os autores, os hinos desse momento histórico frequentemente extrapolam o campo esportivo, funcionando como narrativas simbólicas de progresso, disciplina e identidade coletiva, em sintonia com os projetos de modernização em curso na sociedade brasileira.

Embora não existam registros sonoros conhecidos dessa composição — fato que reforça sua condição de hino perdido —, sua preservação em formato textual permite compreender como o Bangu se inseria, desde cedo, nesse universo simbólico do futebol carioca. A ausência de gravações, comum às produções musicais anteriores à consolidação da indústria fonográfica no Brasil, não invalida sua relevância histórica. Pelo contrário, evidencia as limitações materiais da época e reforça a importância de fontes documentais e testemunhais na reconstrução da memória esportiva. Conforme destacado por Souza (2009), muitos dos primeiros hinos e cânticos dos clubes sobreviveram apenas em registros impressos ou na memória oral, sendo posteriormente substituídos por composições mais adequadas às novas mídias e formas de difusão cultural.



Nesse sentido, a “Saudação ao Bangú Athletic Club” pode ser compreendida como um marco simbólico anterior à consolidação de um hinário oficial propriamente dito. Sua provável execução em um evento solene, ao lado do hino do Flamengo, sugere que o Bangu já participava, nas décadas de 1920, de uma cultura esportiva que reconhecia a música como elemento central da ritualização do futebol. Tal prática está em consonância com o que Tubino, Souza e Valladão (2009) identificam como a função social dos hinos: a de criar coesão simbólica, reforçar vínculos identitários e inscrever os clubes em narrativas mais amplas de pertencimento urbano e cultural.

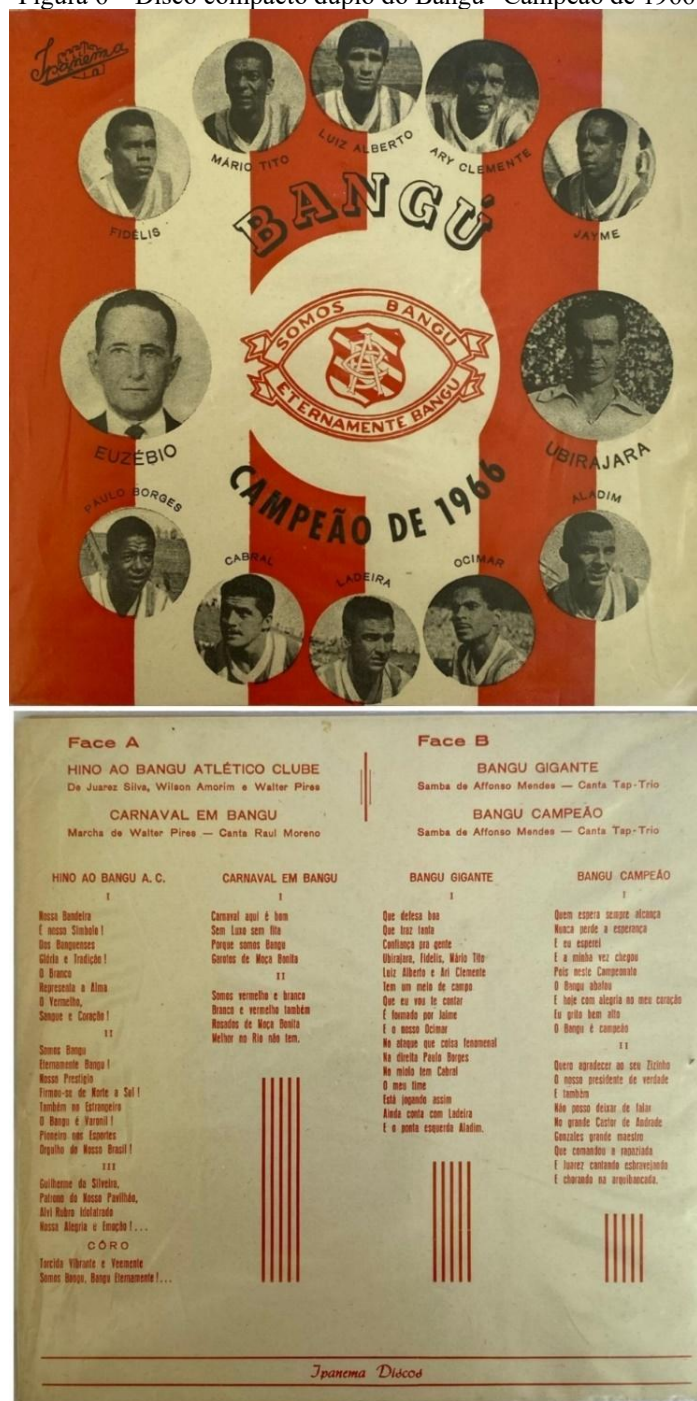
Assim, ainda que esse hino não tenha sido incorporado oficialmente ao repertório institucional do Bangu, sua análise contribui de forma decisiva para a compreensão do processo de construção simbólica do clube. Ele revela uma etapa inicial em que a exaltação poética, marcada por valores heroicos e narrativas de progresso, antecede a padronização musical e a popularização radiofônica que caracterizariam os hinos posteriores. Trata-se, portanto, de um documento histórico e cultural de grande relevância, cuja redescoberta amplia o entendimento sobre o lugar do Bangu Atlético Clube na história do futebol carioca e brasileiro.

5.3 AS MÚSICAS COMPOSTAS POR TORCEDORES

Em entrevista concedida a esta pesquisa, o historiador Carlos Molinari também relatou que a conquista do Campeonato Carioca de 1966, consolidada em dezembro daquele ano, gerou uma ebulição cultural que extrapolou os domínios do campo. Como expressão material desse momento de glória, foi gravado em 1967 um disco compacto duplo (Figura 6) pela Gravadora Ipanema, contendo quatro músicas compostas por torcedores históricos e personalidades emblemáticas do clube, como Wilson Amorim e Juarez Silva. Este disco, que homenageava o time campeão, funcionava como um artefato de celebração e memória, permitindo que a conquista esportiva fosse revivida e ritualizada no cotidiano da comunidade através da música. Molinari ressalta que o disco constitui hoje uma raridade fonográfica, pois sua comercialização foi restrita e efêmera, limitando-se basicamente ao ano de seu lançamento. Esta característica confere ao objeto um valor documental singular, representando não apenas um registro sonoro, mas um testemunho da euforia e do sentimento de pertencimento que marcaram aquele período áureo do Bangu Atlético Clube.



Figura 6 – Disco compacto duplo do Bangu “Campeão de 1966”



Fonte: Cedido pelo pesquisador, historiador e jornalista Carlos Molinari.

Nesse disco comemorativo, observa-se a coexistência de diferentes funções simbólicas da música no interior do universo clubístico, o que reforça a compreensão do futebol como fenômeno cultural total. As quatro composições — Hino ao Bangu Atlético Clube, Carnaval em Bangu, Bangu Gigante e Bangu Campeão⁴ — embora distintas em forma e gênero musical, compartilham o objetivo

⁴ “Hino ao Bangu Atlético Clube”. Disponível em: <https://www.bangu-ac.com.br/bangu/hino/>
 “Carnaval em Bangu”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_85f9uxGkIA
 “Bangu Gigante”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YO776Kg8gtM>
 “Bangu Campeão”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dGY4Pu3qUeQ>



comum de exaltar a identidade rubro-branca e de cristalizar, em linguagem sonora, a memória da conquista de 1966. Onze anos antes também foi lançada a música “Samba de Bangu”, por Ataulfo Alves em seu LP “Leva meu samba” de 1956, com a mesma dinâmica carnavalesca. Tal diversidade confirma o argumento de Souza (2009) de que os repertórios musicais dos clubes não se restringem a um único hino oficial, mas se expandem por meio de canções circunstanciais, populares e comemorativas, que coexistem e dialogam entre si.

O Hino ao Bangu Atlético Clube, atribuído a Juarez Silva, Wilson Amorim e Walter Pires, apresenta uma estrutura próxima ao modelo clássico de hino esportivo, com versos que exaltam símbolos institucionais, como a bandeira, as cores e a trajetória histórica do clube. A letra constrói uma narrativa que associa o Bangu à tradição, ao pioneirismo e ao orgulho nacional, ao mencionar o papel da agremiação como referência esportiva e cultural. Nesse sentido, a composição se aproxima do que Souza (2009) classifica como letra histórico-narrativa, uma vez que articula passado, identidade e valores coletivos em um discurso de continuidade. Do ponto de vista musical, embora o registro fonográfico dialogue com gêneros populares da época, sua função simbólica aproxima-se da dos hinos oficiais, reforçando solenidade e pertencimento.

Já Carnaval em Bangu, composta por Walter Pires, desloca o eixo da exaltação institucional para o território do lazer e da sociabilidade popular. A letra destaca o bairro, o cotidiano e a alegria da comunidade, associando o clube a um espaço de convivência e celebração coletiva. Essa canção evidencia a centralidade do bairro de Bangu como matriz identitária do clube, reforçando a noção de que o futebol suburbano se constrói na intersecção entre esporte, trabalho e festa. Conforme observam Tubino, Souza e Valladão (2009), esse tipo de composição amplia o repertório simbólico das agremiações, inserindo-as no universo da cultura popular urbana e aproximando o clube da experiência cotidiana de seus torcedores.

A música Bangu Gigante, de autoria de Affonso Mendes, assume um tom mais enfático de exaltação esportiva, destacando nominalmente jogadores que marcaram a campanha vitoriosa de 1966, como Ubirajara, Fidélis, Mário Tito, Luiz Alberto e Ary Clemente. Essa estratégia discursiva, recorrente nas canções futebolísticas do período, transforma atletas em heróis populares, fixando seus nomes na memória coletiva. A letra, ao narrar o desempenho do time e celebrar sua força em campo, também se enquadra na categoria histórico-narrativa proposta por Souza (2009), pois constrói uma crônica musical da conquista, articulando feitos esportivos e personagens emblemáticos.

Por fim, Bangu Campeão, também de Affonso Mendes, funciona como síntese emocional da conquista, reiterando o orgulho, a perseverança e a vitória como elementos centrais da identidade banguense. A repetição do título e das expressões celebratórias reforça o caráter ritualístico da canção, concebida para ser entoada coletivamente. Como apontam Tubino, Souza e Valladão (2009), canções desse tipo cumprem papel fundamental na ritualização das vitórias, permitindo que o feito esportivo



seja constantemente reatualizado no imaginário dos torcedores, mesmo após o término das competições.

Em conjunto, as quatro músicas do disco de 1967 revelam um momento singular da história do Bangu Atlético Clube, no qual a conquista esportiva se desdobrou em produção cultural concreta. Mais do que simples registros fonográficos, essas canções configuram-se como instrumentos de memória social, capazes de articular história, identidade e emoção. Sua análise confirma que, assim como ocorre com os hinos oficiais e populares estudados por Souza (2009), o repertório musical do Bangu ultrapassa a função estética, operando como elemento estruturante da identidade clubística e como expressão do patrimônio imaterial de sua comunidade.

5.4 GRITOS DE GUERRA DA TORCIDA

Para além dos hinos oficiais e das canções comemorativas registradas em disco, os gritos de guerra da torcida do Bangu Atlético Clube constituem um elemento fundamental de seu repertório simbólico e sonoro. Essas expressões orais, entoadas coletivamente nas arquibancadas, antecedem em muitos casos a formalização dos hinos e operam como práticas espontâneas de coesão, pertencimento e mobilização afetiva. Conforme assinala Toledo (2002), os gritos de guerra no futebol brasileiro funcionam como performances rituais que produzem identidade, estabelecem fronteiras simbólicas entre “nós” e “eles” e transformam o espaço do estádio em um território culturalmente marcado.

No caso do Bangu, a existência de gritos de guerra remonta aos primeiros anos do clube, ainda no início do século XX, quando era comum que associações esportivas adotassem palavras de ordem e cantos coletivos para estimular seus membros antes e durante as competições. Um desses gritos, transmitido oralmente ao longo das décadas e hoje preservado por registros memorialísticos e testemunhos, apresenta a seguinte sequência sonora: “Macaca fu, macaca fu, sanfá! Xiribi, xiribi, maca! Ri qui qui, ri qui qui! Tu espingar, tu espingar!”. O conhecimento sistematizado desse material foi trazido aos autores desta pesquisa pelo professor Rogério Melo, cuja contribuição foi decisiva para a incorporação dessa dimensão oral à análise do hinário e das manifestações musicais do clube. Natural do bairro de Bangu, Rogério Melo desenvolveu sua trajetória esportiva inicialmente no futsal, atuando como atleta e, posteriormente, como treinador no Casino Bangu. Em razão dessa experiência, foi mais tarde convidado a assumir a condução da equipe de juniores do Bangu Atlético Clube.

A estrutura desse grito de guerra revela características recorrentes nas práticas sonoras populares associadas ao futebol carioca. Trata-se de uma sequência rítmica marcada pela repetição, pelo uso de onomatopeias e por vocábulos de origem africana ou afro-brasileira, cujo sentido não se esgota em uma tradução literal, mas se constrói no próprio ato performático. Segundo Sandroni (2001), expressões dessa natureza são comuns em contextos de samba, carnaval e festas populares,



funcionando como catalisadoras de energia coletiva e como formas de comunicação simbólica baseadas mais no ritmo e na sonoridade do que no significado semântico estrito.

A referência à “macaca”, associada ao mascote histórico do Bangu, reforça o vínculo identitário entre o grito e a agremiação. Molinari (2004) observa que o mascote do clube, ligado à presença de um macaco na antiga Fábrica de Tecidos Bangu, foi incorporado de maneira lúdica e afetiva pela torcida, ressignificando um símbolo que, em outros contextos, poderia assumir conotações pejorativas. Nesse sentido, o grito de guerra atua como mecanismo de apropriação simbólica, transformando o signo em emblema de orgulho e pertencimento.

A presença de termos como “xiribi” e “sanfá”, associados a matrizes linguísticas africanas, aponta ainda para a forte influência da cultura negra na constituição das práticas torcedoras do subúrbio carioca. Conforme argumenta Moura (1995), o futebol nos bairros operários do Rio de Janeiro incorporou elementos das tradições afro-brasileiras, especialmente no que diz respeito às formas de celebração coletiva, ao uso do corpo e à musicalidade. Esses gritos de guerra, assim, não apenas animam a torcida, mas também funcionam como vestígios de uma memória cultural marcada pela diáspora africana e pela experiência do trabalho fabril.

A expressão “tu espingar”, compreendida como uma corruptela popular associada à ideia de ataque ou enfrentamento, aproxima o grito de guerra de um vocabulário simbólico de confronto, ainda que mediado pelo jogo. Essa característica dialoga com a análise de Tubino, Souza e Valladão (2009), para quem o universo simbólico do futebol frequentemente mobiliza metáforas bélicas, não como apologia à violência, mas como forma de dramatizar a disputa esportiva e intensificar o engajamento emocional dos participantes. No caso do Bangu, essa dimensão bélica aparece diluída no humor, na musicalidade e na irreverência, características centrais da cultura torcedora local.

Diferentemente dos hinos registrados fonograficamente, os gritos de guerra se caracterizam por sua fluidez e por sua transmissão predominantemente oral. Essa condição contribui para variações rítmicas e textuais ao longo do tempo, sem, contudo, comprometer sua função simbólica. Como observa Halbwachs (2006), a memória coletiva não se fixa apenas em documentos escritos ou gravações, mas também em práticas reiteradas que sobrevivem na experiência compartilhada dos grupos sociais. Assim, mesmo sem registros sonoros formais, os gritos de guerra do Bangu persistem como parte constitutiva de sua identidade cultural.

Portanto, a análise dos gritos de guerra da torcida do Bangu Atlético Clube amplia a compreensão do hinário do clube para além das composições oficialmente reconhecidas. Essas manifestações orais, trazidas ao conhecimento acadêmico desta pesquisa por meio da mediação do professor Rogério Melo, revelam a profundidade histórica e cultural da relação entre clube, torcida e território. Ao lado dos hinos e das canções comemorativas, os gritos de guerra configuram-se como



expressões legítimas do patrimônio imaterial banguense, reafirmando o futebol como espaço privilegiado de produção de memória, identidade e cultura popular.

6 CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender o hinário e as manifestações musicais associadas ao Bangu Atlético Clube como componentes centrais de sua identidade histórica e simbólica. Longe de se configurarem apenas como elementos acessórios ou folclóricos, os hinos, canções comemorativas e gritos de guerra analisados revelam-se artefatos culturais complexos, capazes de condensar valores, memórias e narrativas que atravessam diferentes períodos da trajetória do clube e de sua comunidade. A partir do diálogo com a literatura especializada, especialmente com as classificações propostas por Souza (2009) e com os estudos de Tubino, Souza e Valladão (2009), foi possível situar essas produções musicais no interior de tradições mais amplas do futebol carioca, sem perder de vista as especificidades do contexto suburbano e operário que marca a história do Bangu.

Os resultados indicam que as manifestações sonoras do clube expressam, de maneira recorrente, uma articulação entre pertencimento territorial, celebração da coletividade e construção de memória social. Seja no hino popular consagrado, nas canções produzidas em torno da conquista do Campeonato Carioca de 1966 ou nos gritos de guerra preservados pela oralidade da torcida, observa-se a presença de narrativas histórico-narrativas que reafirmam feitos esportivos, personagens emblemáticos e valores associados à resistência, à lealdade e ao orgulho local. Nesse sentido, a música opera como um dispositivo de coesão simbólica, permitindo que diferentes gerações de torcedores reconheçam-se como parte de uma mesma tradição, ainda que em contextos históricos distintos.

Um dos achados mais relevantes da pesquisa reside na discussão em torno da existência de um possível hino do Bangu Atlético Clube entoado em solenidade na década de 1920, cuja letra foi preservada em registro impresso, mas cujo suporte sonoro não chegou até os dias atuais. A ausência de registros fonográficos desse hino, conforme relatado por Carlos Molinari em entrevista concedida a esta pesquisa, evidencia tanto as limitações materiais dos processos de preservação cultural no início do século XX quanto a fragilidade da memória sonora no campo do futebol. Ao mesmo tempo, essa lacuna documental não deve ser compreendida apenas como uma perda irreversível, mas como um indicativo das potencialidades ainda existentes para investigações futuras.

Nesse sentido, o estudo aponta para a importância de ampliar os esforços de pesquisa em acervos privados, coleções familiares, arquivos institucionais, fonotecas, hemerotecas e centros de memória, bem como de valorizar fontes orais e testemunhais que possam contribuir para a reconstrução do patrimônio imaterial do futebol brasileiro. A eventual localização de registros adicionais — sejam partituras, programas de eventos, menções em periódicos ou mesmo gravações ainda desconhecidas



— poderia não apenas esclarecer a trajetória desse hino específico, mas também aprofundar a compreensão sobre os usos sociais da música nos rituais esportivos do período.

Dessa forma, este artigo busca não apenas sistematizar e interpretar um conjunto de manifestações musicais vinculadas ao Bangu Atlético Clube, mas também abrir uma agenda de pesquisa voltada à preservação e à análise crítica do patrimônio sonoro do futebol. Ao convidar outros pesquisadores, instituições e leitores a se engajarem na investigação de fontes ainda dispersas ou pouco exploradas, reafirma-se o compromisso acadêmico com a construção coletiva do conhecimento histórico. Acredita-se que o aprofundamento desses estudos poderá contribuir significativamente para o campo dos estudos sobre futebol e cultura, ampliando o reconhecimento das experiências suburbanas e operárias como elementos constitutivos da história social e cultural do esporte no Brasil.

Por fim, com o objetivo de sistematizar o corpus empírico analisado e facilitar o acesso do leitor às manifestações musicais discutidas ao longo do artigo, foi elaborado um quadro síntese reunindo os hinos, canções comemorativas e gritos de guerra do Bangu Atlético Clube examinados nesta pesquisa, acompanhado, sempre que possível, de links para seus respectivos registros sonoros. Esse material é apresentado ao final do trabalho como Anexo 1, cumprindo uma função complementar de natureza documental e metodológica, ao mesmo tempo em que reforça o compromisso do estudo com a preservação, a circulação e a publicização do patrimônio musical associado à história do clube.



REFERÊNCIAS

- BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. A star player and the world of goods: soccer and consumption in the 1930s–40s. *Sociologia & Antropologia*, v. 8, n. 2, p. 493-523, 2018.
- DESLANDES, Suely Ferreira. A Construção do Projeto de Pesquisa. In: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otavio; GOMES, Romeu Gomes; MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Pesquisa Social: 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MELO, Rogerio. *Histórias de Bangu: a memória de um bairro*. Edição independente. 2025a.
- MELO, Rogerio. *Histórias de Bangu: a memória de um bairro II*. Edição independente. 2025b.
- MELO, Rogerio. *Histórias de Bangu: a memória de um bairro III*. Edição independente. 2025c.
- MELO, Rogerio. *Histórias de Bangu: a memória de um bairro IV*. Edição independente. 2025d.
- MOLINARI, Carlos. *Nós é que somos banguenses*. Rio de Janeiro: Ícone, 2004.
- MOLINARI, Carlos. *O Livro dos Craques: de 1904 a 2025, as biografias de todos os 1.998 jogadores que já defenderam o Bangu Atlético Clube, escritas por Carlos Molinari*. Edição independente. 2025.
- MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.
- MUSEU DO FUTEBOL. *Bangu Atlético Clube. Centro de Referência do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Museu do Futebol, s.d. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/473959>
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902–1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917–1933)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- SOUZA, Bruno de Castro. *Hinos oficiais e hinos populares como representações simbólicas dos principais clubes de futebol do Rio de Janeiro: a contribuição de Lamartine Babo*. 2009. 211 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) – Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2009.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcer: a metáfora da paixão*. São Paulo: Annablume, 2002.
- TUBINO, Manoel José Gomes; SOUZA, Bruno Castro de; VALLADÃO, Rafael. Uma análise acerca do conteúdo dos hinos oficiais e populares dos principais clubes cariocas de futebol da Primeira República ao Estado Novo. *Fitness & Performance Journal*, v. 8, n. 1, p.56-67, 2009.



ANEXOS

Tabela 1 - Hinos, canções e gritos de guerra do Bangu Atlético Clube analisados nesta pesquisa.

Título / Identificação	Tipo	Período	Link para escuta
Saudação ao Bangú Athletic Club (possível hino perdido)	Hino não oficial	Possivelmente da década de 1920	Não localizado
Hino popular do Bangu Atlético Clube	Hino popular	1949	https://www.bangu-ac.com.br/bangu/hino/
Samba de Bangu (disco de Ataulfo Alves)	Canção popular	1956	https://www.youtube.com/watch?v=RnJfoyGIx-Q
Hino ao Bangu Atlético Clube (disco comemorativo)	Hino popular	1967	https://www.bangu-ac.com.br/bangu/hino/
Carnaval em Bangu (disco comemorativo)	Canção popular	1967	https://www.youtube.com/watch?v=_85f9uxGklA
Bangu Gigante (disco comemorativo)	Canção popular	1967	https://www.youtube.com/watch?v=YO776Kg8gtM
Bangu Campeão (disco comemorativo)	Canção popular	1967	https://www.youtube.com/watch?v=dGY4Pu3qUeQ
Bangu ô, Bangu ô (cântico da torcida)	Grito de guerra	Possivelmente a partir década de 2000	https://vimeo.com/1163378952?fl=tl&fe=ec
Sou, sou alvirrubro (cântico da torcida)	Grito de guerra	Possivelmente a partir década de 2000	https://vimeo.com/1163378952?fl=tl&fe=ec
Vamos jogar com raça e coração (cântico da torcida)	Grito de guerra	Possivelmente a partir década de 2000	https://vimeo.com/1163378952?fl=tl&fe=ec
Bangu veio pra vencer (cântico da torcida)	Grito de guerra	Possivelmente a partir década de 2000	https://vimeo.com/1163378952?fl=tl&fe=ec
Fica de boa que não é arrastão (cântico da torcida)	Grito de guerra	Possivelmente a partir década de 2000	https://vimeo.com/1163378952?fl=tl&fe=ec
Ninguém segura a gente, chama a bateria pra tocar (cântico da torcida)	Grito de guerra	Possivelmente a partir década de 2000	https://vimeo.com/1163378952?fl=tl&fe=ec

Fonte: Autores.

